



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE  
CAMPUS AVANÇADO DE PATU  
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS  
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS

LIBÉGNA MORAIS BEZERRA

A VOZ DAS SOBREVIVENTES: A PRÁTICA DA CONFISSÃO DE ESTUPRO NO  
*SITE DO MOVIMENTO ME TOO BRASIL*

PATU

2024

LIBÉGNA MORAIS BEZERRA

A VOZ DAS SOBREVIVENTES: A PRÁTICA DA CONFISSÃO DE ESTUPRO NO  
*SITE DO MOVIMENTO ME TOO BRASIL*

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Avançado de Patu – CAP, Departamento de Letras Língua Portuguesa e respectivas Literaturas, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciada.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Fernandes Nery

Linha de Pesquisa: Discurso, Feminismos e Mídias digitais.

PATU  
2024

© Todos os direitos estão reservados à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e referenciados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

B574v Bezerra, Libéria Morais  
A VOZ DAS SOBREVIVENTES: A  
PRÁTICA DA CONFISSÃO DE ESTUPRO NO  
SITE DO MOVIMENTO  
ME TOO BRASIL. / Libéria Morais Bezerra. -Patu,  
2024.  
49p.

Orientador(a): Profa. Dra. Luciana Fernandes  
Nery. Monografia (Graduação em Letras  
(Habilitação em  
Língua Portuguesa e suas respectivas  
Literaturas)). Universidade do Estado do Rio  
Grande do Norte.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

LIBÉGNA MORAIS BEZERRA

A VOZ DAS SOBREVIVENTES: A PRÁTICA DA CONFISSÃO DE ESTUPRO NO  
SITE DO MOVIMENTO ME TOO BRASIL

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, Campus Avançado de Patu-CAP, Departamento de Letras, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras- Língua Portuguesa.

Aprovado em:05/12/2024

Banca Examinadora

*Luciana Fernandes Nery*

---

Profa. Dra. Luciana Fernandes Nery – Orientadora  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

*Brenda de Freitas*

---

Profa. Ma. Brenda de Freitas  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

*Keila Lairiny Câmara Xavier.*

---

Profa. Ma. Keila Lairiny Câmara Xavier  
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, quero agradecer a Deus por ter chegado até aqui, por me guiar e fortalecer em todos os momentos desta caminhada.

Quero agradecer a minha família pelo apoio incondicional e encorajamento constante. A meu pai, Berg Bezerra, minha mãe, Risoleda Moraes, e meus irmãos Júnior e João Emanuel. Muito obrigada por todo o carinho e cuidado. Amo todos vocês.

À Debora Danietsa, minha colega de curso e irmã de coração, minha eterna gratidão por sua amizade, pelo apoio incondicional.

Quero agradecer também aos demais familiares que, mesmo indiretamente, foram presentes com palavras de apoio, gestos de carinho e compreensão. Meus sinceros agradecimentos.

À minha dupla de faculdade, Ana Vitória, minha gratidão por toda parceria, companheirismo e dedicação durante essa caminhada. Sua amizade foi e é essencial para superar os desafios e alcançar nossos objetivos juntas. Te levarei para minha vida.

Aos meus amigos da faculdade, em especial, David, Josiclebe, Julianny, Emilly e Zaira. Meu sincero agradecimento por cada momento compartilhado, pelas trocas de experiências, pelo apoio nos momentos difíceis e pelas alegrias que tornaram essa trajetória mais tranquila.

Agradeço também aos meus amigos, em especial Alessandra, Amélia, Andrielly, Gustavo, Wesley, Pablo, Hudson, João Marcus (in memoriam) e ao meu namorado Thiago, por estar ao meu lado nos momentos de alegria e nos desafios, oferecendo apoio, motivação e companheirismo. Mesmo de forma indireta, vocês tornaram essa jornada muito mais leve e significativa.

Gostaria de expressar minha imensa gratidão ao PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), promovido no Campus Avançado de Patu da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), por me proporcionar a oportunidade de adentrar no universo científico. Muito do que aprendi e sei hoje foi resultado dessa experiência. Agradeço a minha dupla foucaultiana, Thalysson, pelo apoio e parceria.

Agradeço também à minha orientadora, Luciana Nery, por todo o suporte, orientação e paciência ao longo dessa trajetória. Você foi essencial.

Aos professores do curso de Letras do Campus Avançado de Patu, meu profundo agradecimento por compartilharem seus conhecimentos, pela paciência, dedicação e por inspirarem a busca constante pelo aprendizado. Cada ensinamento foi essencial para a construção deste trabalho e para o meu crescimento pessoal e profissional.

Por fim, quero agradecer à banca composta pelas professoras Brenda Freitas e Keila Lairiny. Obrigada pelas contribuições para a minha pesquisa e por aceitarem ler o meu trabalho.

## RESUMO

A experiência de sobreviver a um estupro é uma realidade que envolve o silenciamento e a subnotificação. O receio de retaliação, a falta de suporte adequado e a desconfiança nas autoridades são algumas das razões que provocam o silenciamento. Além disso, pode também ser uma forma de resistência, uma vez que se busca preservar a segurança e dignidade pessoal através do silêncio. Diante disso, o objetivo geral da pesquisa é investigar os discursos das sobreviventes de estupro no site do movimento *Me Too* Brasil. Como objetivos específicos, pretendemos: a) analisar como as dinâmicas de poder e controle de gênero são evidenciadas nos discursos das sobreviventes de estupro; b) Verificar como a cultura machista e patriarcal influencia no silenciamento das sobreviventes de estupro; c) Examinar como a verdade sobre si pode contribuir para enfrentar o silenciamento e encorajar a denúncia do crime de estupro. Desse modo, esta pesquisa situa-se no campo dos Estudos Discursivos Foucaultianos, dispendo-se do método arqueogenealógico. O aporte teórico se dá por meio dos estudos de Foucault (2008, 2011, 2015, 2021); Rossi (2016) Vigarello (1998) e Corbin(2021), entre outros. O corpus analisado é constituído de enunciados confessionais das sobreviventes de estupro disponíveis no site do movimento *Me Too* Brasil. O *site* do movimento *Me Too* Brasil refere-se a uma plataforma *online* que faz parte do movimento global *Me Too*, dedicado a combater o assédio sexual e a violência de gênero, encorajando as mulheres a compartilhar suas histórias como forma de conscientização e empoderamento. Após a análise dos dados, percebemos que ao falar a verdade sobre suas experiências, as sobreviventes rompem o ciclo do silenciamento e inspiram outras sobreviventes a se manifestarem, contribuindo para um movimento coletivo que visa transformar as estruturas sociais que perpetuam a normalização da cultura do estupro.

**Palavras-Chave:** Estupro; Controle de gênero; Silenciamento; Dinâmicas de poder.

## ABSTRACT

The experience of surviving rape is a reality that involves silencing and underreporting. The fear of retaliation, lack of adequate support, and distrust in authorities are some of the reasons that lead to silencing. In addition, it can also be a form of resistance, as individuals seek to preserve their safety and dignity through silence. In light of this, the general objective of the research is to investigate the discourses of rape survivors on the Me Too Brazil movement website. The specific objectives are: a) to analyze how gender power and control dynamics are highlighted in the discourses of rape survivors; b) to examine how the macho and patriarchal culture influences the silencing of rape survivors; c) to explore how truth-telling about oneself can contribute to confronting silencing and encouraging the reporting of rape. Thus, this research is situated within the field of Foucauldian Discourse Studies, employing the archaeological and genealogical method. The theoretical framework is based on the studies of Foucault (2008, 2011, 2015, 2021); Rossi (2016); Vigarello (1998); and Corbin (2021), among others. The analyzed corpus consists of confessional statements from rape survivors available on the Me Too Brazil movement website. The Me Too Brazil website refers to an online platform that is part of the global Me Too movement, dedicated to combating sexual harassment and gender-based violence, encouraging women to share their stories as a form of awareness and empowerment. After analyzing the data, we realized when speaking the truth about their experiences, survivors break the cycle of silence and inspire other survivors to speak out, contributing to a collective movement aimed at transforming the social structures that perpetuate the normalization of rape culture.

**Keywords:** Rape; Gender control; Silencing; Power dynamics.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 VIOLÊNCIA SEXUAL E DESIGUALDADE DE GÊNERO: AS RELAÇÕES DE PODER A PARTIR DA CONFISSÃO NAS MÍDIAS DIGITAIS.....</b>	<b>14</b>
2.1 Relações de poder e controle de gênero .....	14
2.2 A Cultura do estupro e o silenciamento .....	18
2.3 A prática da confissão e o apoio às sobreviventes de estupro .....	21
<b>3 DISCURSOS DE RESISTÊNCIA: A VOZ DAS SOBREVIVENTES DE ESTUPRO.....</b>	<b>25</b>
3.1 A cultura do silenciamento: as dinâmicas de poder e controle de gênero a partir das narrativas de estupro.....	25
3.2 A influência da cultura machista e patriarcal no silenciamento das sobreviventes .....	30
3.3 A verdade sobre si: resistência e encorajamento à denúncia do estupro .....	34
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>40</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>42</b>
Anexo 1 - Depoimento 1: Sobrevivente de agressão física e violência sexual .....	43
Anexo 2 - Depoimento 2: Violência sexual, estupro de vulnerável .....	44
Anexo 3 - Depoimento 3: Abuso sexual cometido pelo genitor.....	46
Anexo 4 – Depoimento 4: Estupro de vulnerável após festa universitária .....	48

## 1 INTRODUÇÃO

As plataformas digitais viabilizam a disseminação de informações, ideias, mensagens e outros tipos de conteúdos de maneira participativa. Dotadas de grande alcance, essas ferramentas propiciam a interação e a conexão entre indivíduos ao redor do mundo. Por serem de fácil acesso e consumo, tais mídias facilitam a propagação de conteúdos diversos, conferindo visibilidade a uma gama de temas. Essa exposição proporcionada pelos meios de comunicação possibilita que assuntos pouco explorados ganhem destaque e sejam divulgados de maneira abrangente.

Com a popularização de *sites* na sociedade, alguns administradores, motivados pelos movimentos em prol dos direitos das mulheres, têm abordado questões relacionadas à situação feminina, discutindo sobre as práticas abusivas e violentas que afetam essas sujeitas. Um tema em evidência é o crime de estupro. Desse modo, plataformas digitais têm sido utilizadas para que as sobreviventes desse crime compartilhem suas experiências. Estes recursos têm um papel relevante na disseminação e no apoio às denúncias de estupro, principalmente com o surgimento de movimentos como o *#MeToo*. Esse movimento, juntamente com a sua variante brasileira, o *"Me Too Brasil"*, busca conscientizar sobre o estupro e sobre outros tipos de violência contra a mulher, encorajando as sobreviventes a relatarem suas vivências em relação a esses crimes.

A experiência de sobreviver a um estupro é uma realidade que envolve o silenciamento e a subnotificação. Perante os esforços para conscientizar a população sobre a violência sexual, muitas sobreviventes ainda se veem incapazes ou com medo de compartilhar seus relatos. O estigma social, o receio de retaliação, a falta de suporte adequado e a desconfiança nas autoridades são algumas das razões que provocam o silenciamento. Além disso, pode ser uma forma de resistência, uma vez que se busca preservar a segurança e dignidade pessoal através do silêncio. Como resultado, há uma subnotificação considerável de casos de estupro. De acordo com o Anuário de Segurança Pública (2024, p.135)<sup>1</sup>:

[...] o estupro (incluindo o estupro de vulnerável, que acontece quando a vítima é menor de 14 anos ou quando, sendo maior de 14 anos, não está em condições de consentir) cresceu 5,3% no período, vitimando pelo

---

<sup>1</sup> Informações obtidas através do site: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2024/07/anuario-2024.pdf>. Acesso em 11 de nov. 2024

menos 72.454 mulheres e crianças do sexo feminino.

Muitas sobreviventes não fazem a denúncia do crime, permitindo que os agressores não sejam punidos e que as mulheres estupradas não tenham acesso aos serviços de apoio e justiça necessários. Esse cenário gera um ciclo de impunidade e perpetuação da violência, dando espaço para que os criminosos continuem ilsesos pelos seus atos.

Diante do exposto, elencamos as seguintes questões para a nossa pesquisa:

i) Como os discursos das sobreviventes de estupro presentes no *site* do movimento *Me Too* Brasil evidenciam as dinâmicas de poder e controle de gênero na sociedade? ii) De que modo a cultura machista e patriarcal influencia no silenciamento das sobreviventes do crime de estupro? iii) Como a coragem de falar a verdade sobre si pode contribuir para enfrentar o silenciamento e encorajar a denúncia desse crime?

Com base nos questionamentos elencados, o objetivo geral da pesquisa é investigar os discursos das sobreviventes de estupro no *site* do movimento *Me Too* Brasil. Como objetivos específicos, pretendemos: a) analisar como as dinâmicas de poder e controle de gênero são evidenciadas nos discursos das sobreviventes de estupro; b) Verificar como a cultura machista e patriarcal influencia no silenciamento das sobreviventes de estupro; c) Examinar como a verdade sobre si pode contribuir para enfrentar o silenciamento e encorajar a denúncia do crime de estupro.

Este trabalho dispõe de um olhar analítico-discursivo foucaultiano posto às nuances que envolvem a prática da confissão e o silenciamento das sobreviventes de estupro. Nesse sentido, esta pesquisa dialoga e dá continuidade aos estudos desenvolvidos no PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), do curso de Letras Língua Portuguesa, do Campus Avançado de Patu, financiado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), nos semestres de 2022.2 a 2023.2, do qual fiz parte, como voluntária, sob a orientação da professora Dra. Luciana Fernandes Nery. O interesse também surgiu por pesquisar o assunto a partir de discussões mediadas no círculo de mulheres <sup>2</sup> promovido pela Companhia Cultural Ciranduí/ RN <sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Projeto promovido pela Ciranduí para debater, entre mulheres, questões como as violências existentes contra a mulher, empoderamento feminino, entre outras.

<sup>3</sup> A Companhia Ciranduí é uma entidade sem fins lucrativos, que atua nas áreas de arte, cultura e

Pesquisar sobre a prática da confissão relacionada ao estupro é fundamental para compreender o papel do movimento *Me Too Brasil* na transformação dos discursos sobre a violência sexual. A prática da confissão pública pode ajudar a quebrar o silêncio e o estigma que cercam as sobreviventes, criando uma rede de apoio e solidariedade. Ao analisar essas confissões, pode-se revelar como as histórias compartilhadas podem influenciar a percepção pública sobre o estupro, promovem a empatia e incentivam outras mulheres estupradas a falar.

O estudo das confissões das sobreviventes de estupro no *site* do movimento *Me Too Brasil* é pertinente por diversas razões. Primeiramente, porque pode contribuir para a literatura acadêmica sobre a violência de gênero. Ademais, subsidiam meios para a investigação dos discursos, sobretudo, os confessionais e a sua propagação nas mídias digitais, como no *site* supracitado, por ser um campo fértil para a análise de enunciados.

Para que a pesquisa possa ser realizada, precisamos nos valer de métodos científicos que atuem na análise das confissões presentes no *site* do movimento *Me Too Brasil*. Desse modo, esta pesquisa situa-se no campo dos Estudos Discursivos Foucaultianos, utilizando-se do método arqueogenealógico, uma vez que se faz uso de conceitos tanto da arqueologia quanto da genealogia, para explorar as relações de poder e saber que moldam os discursos das sobreviventes de estupro, revelando como os contextos históricos e sociais influenciam na construção dos sentidos e na prática da confissão pública.

Conforme a abordagem dos dados, a pesquisa é de cunho qualitativo. Esse tipo de pesquisa:

[...] permite uma compreensão aprofundada dos dados e está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa (Brandão, 2001, p.13).

Além disso, a pesquisa apresenta também um cunho descritivo-interpretativo, pois trata-se da investigação dos enunciados confessionais presentes no *site* do movimento *Me Too Brasil*. De acordo com Gil (2008, p 131), “as pesquisas descritivas visam descrever as características de populações e de

fenômenos.” Assim, pesquisas descritivas visam essencialmente caracterizar detalhadamente o objeto de estudo, fornecendo uma compreensão clara e precisa de seus atributos. Já na pesquisa de cunho interpretativo é possível uma compreensão aprofundada das experiências subjetivas das sobreviventes de estupro, explorando os significados construídos em seus discursos confessionais. Essa abordagem valoriza a compreensão dos significados formados pelas interações e experiências pessoais.

Centrando a pesquisa nos estudos da Linguística, o aporte teórico se dá por meio dos estudos de Foucault (2008, 2011, 2015, 2021) para abordar questões relacionadas ao discurso e as relações de poder; Rossi (2016), Vigarello (1998) entre outros para tratar do crime de estupro e Corbin(2021) para discutir questões voltadas ao silenciamento; entre outros. Os teóricos utilizados ao longo da elaboração deste estudo permitiu a compreensão dos questionamentos que norteiam e contribuem para o desenvolvimento desta pesquisa.

O *corpus* analisado é constituído de 4 enunciados confessionais das sobreviventes de estupro disponíveis no *site* do movimento *Me Too Brasil*, com os seguintes títulos: depoimento 1: “Sobrevivente de agressão física e violência sexual”; depoimento 2: “Violência sexual, estupro de vulnerável”; depoimento 3: “Abuso sexual cometido pelo genitor”; e depoimento 4: “Estupro de vulnerável após festa universitária”. Este *site* foi escolhido devido à sua relevância como plataforma na qual as sobreviventes de violência sexual podem compartilhar suas experiências de maneira pública e anônima, amplificando suas vozes e possibilitando a análise de um conjunto diversificado de relatos. A plataforma permite que as sobreviventes relatem suas vivências e deixa os relatos disponíveis para o acesso da leitura, não permitindo que a(o)s internautas façam e publiquem comentários em relação ao que foi postado. A escolha foi baseada na disponibilidade de dados acessíveis, possibilitando uma abordagem qualitativa para explorar as dinâmicas sociais relacionadas ao estupro no contexto brasileiro. O *site* do movimento *Me Too Brasil* refere-se a uma plataforma *online* que faz parte do movimento global *Me Too*, dedicado a combater o assédio sexual e a violência de gênero, encorajando as mulheres a compartilhar suas histórias como forma de conscientização e empoderamento.

O presente trabalho organiza-se em três capítulos. O primeiro corresponde à Introdução. O capítulo II, intitulado, “*Violência sexual e desigualdade de gênero: as*

*dinâmicas de poder a partir da confissão nas mídias digitais*”, apresenta reflexões acerca dos Estudos Discursivos Foucaultianos. No capítulo III, “*Discursos de resistência: a voz das sobreviventes de estupro*”, apresentamos a análise dos dados por meio das seguintes categorias de análise: i) A cultura do silenciamento: As dinâmicas de poder e controle de gênero a partir das narrativas de estupro; ii) A influência da cultura machista e patriarcal no silenciamento das sobreviventes e iii) A verdade sobre si: resistência e encorajamento à denúncia do estupro. Por fim, apresentamos as considerações finais e as referências.

Espera-se que este estudo possa trazer contribuições significativas para o espaço acadêmico e social. Compreende-se que ao dar voz às sobreviventes, a presente pesquisa pode promover uma maior conscientização sobre a gravidade do crime de estupro e suas consequências. Além disso, ao explorar as dinâmicas de poder e controle de gênero, a pesquisa pode contribuir para uma maior sensibilização da sociedade, fomentando um debate necessário sobre a cultura machista e patriarcal que perpetua a violência sexual.

## **2 VIOLÊNCIA SEXUAL E DESIGUALDADE DE GÊNERO: AS RELAÇÕES DE PODER A PARTIR DA CONFISSÃO NAS MÍDIAS DIGITAIS**

A violência sexual e as desigualdades de gênero são temas muito discutidos em razão do avanço das mídias digitais, que permitem a rápida disseminação de informação. Diante desse cenário, neste capítulo, serão exploradas as relações entre a violência sexual, a desigualdade de gênero e o poder, bem como o papel das mídias digitais na prática da confissão das sobreviventes. Inicialmente, serão abordadas as relações de poder e as desigualdades de gênero, destacando como essas relações moldam e perpetuam a violência sexual na sociedade. Em seguida, discutiremos sobre a cultura do estupro e o silenciamento, analisando como a normalização da violência sexual se manifesta na sociedade. Posteriormente, será explorada a escrita de si e a prática da confissão das sobreviventes, ressaltando como a narrativa pessoal e a confissão emergem como formas de resistência ao silenciamento imposto pela cultura do estupro.

### **2.1 Relações de poder e controle de gênero**

As relações de poder e controle de gênero estão intrinsecamente ligadas às estruturas sociais que perpetuam a desigualdade, o patriarcado e a cultura machista. Essas estruturas sociais influenciam na vida das mulheres, principalmente das sobreviventes de estupro. A desigualdade de gênero refere-se às disparidades sistemáticas entre homens e mulheres em termos de poder, oportunidades e recursos. Para (Rossi, 2016, p.28), “o patriarcado indica o predomínio de valores masculinos fundamentados em relações de poder. Esse poder, por seu turno, é exercido mediante complexos mecanismos de controle social que oprimem e marginalizam as mulheres”. Assim, essas estruturas patriarcais não apenas mantêm a subordinação feminina, mas também reforçam a hegemonia masculina em diversos aspectos da vida social, política e econômica. A marginalização das vozes femininas e a desvalorização das experiências das mulheres são sintomas de uma sociedade que ainda privilegia os homens em diversas áreas. Nery (2021, p 92) argumenta que:

O patriarcado é uma construção histórica e, por mais que tentemos escapar desse sistema, os seus resquícios ainda estão bem presentes

nas sociedades ocidentais modernas e estabeleceram uma “ditadura” da heteronormatividade, centralizada na heterossexualidade, no falocentrismo e na virilidade.

Nesse sistema, os homens ocupam posições dominantes em vários aspectos, o que ressalta a persistência do patriarcado como uma força dominante nas sociedades ocidentais modernas, mesmo diante dos esforços para superá-lo. Esse contexto cria um cenário que não apenas marginaliza outras formas de expressão de gênero e sexualidade, mas também reforça a subordinação das mulheres, limitando sua autonomia e mantendo a desigualdade. É relevante pensar como essas dinâmicas são perpetuadas no dia a dia e carregam significados, muitas vezes, reforçando normas de gênero que sustentam a desigualdade entre homens e mulheres.

Observar o papel da mídia e da publicidade na construção de estereótipos de gênero é importante, uma vez que muitas campanhas publicitárias, ainda que de forma implícita, propagam enunciados que normalizam a dominação masculina e objetificam o corpo feminino. A exemplo disso, apresentamos a seguir uma campanha da marca Dolce & Gabbana que demonstra como essas dinâmicas de poder são reforçadas:

Figura 1 – “Anúncio da grife Dolce & Gabbana”



Fonte: Site do Terra<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Fonte: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/autocuidado/moda/dg-volta-a-ser-alvo-de-criticas-com-foto-que-incita-estupro,d4e630da17e2c410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>. Acesso em: 08. out. 2024.

A imagem da campanha publicitária da marca Dolce & Gabbana de 2007, retrata uma série de problemas relacionados à cultura do estupro e à objetificação do corpo feminino. Na figura, é possível ver a utilização de elementos visuais que transparece a dominação, a submissão e a violência sexual. A postura do homem, que pressiona o corpo da mulher é uma representação de dominação física, que indica o controle e o poder sobre o corpo da mulher. É importante refletir sobre como os elementos visuais e textuais não apenas comunicam de forma direta, mas também trazem consigo significados que vão além do que está posto.

Foucault (2008) ao discutir a relação entre o significante e o significado, destaca que o que é enunciado nem sempre reflete a simplicidade de uma mensagem direta. Desse modo, embora a propaganda da Dolce & Gabbana seja sobre moda, o que está em evidência através das posições corporais, expressões e composição da imagem apresenta uma objetificação feminina. A mulher está sendo retratada como passiva e os homens como dominantes, remetendo à ideia de que o corpo feminino é algo a ser possuído ou controlado. O que é transmitido através da publicidade tem um sentido que vai muito além da mera promoção de roupas e reforça as dinâmicas de poder da cultura do estupro, em que a violência e a submissão são normalizadas pela sociedade.

As relações de poder influenciam a percepção social da violência sexual, culpabilizando, frequentemente, as sobreviventes do crime e minimizando a responsabilidade dos agressores. O machismo pode se manifestar em diversas relações, sejam elas amorosas, familiares, etc, através dos discursos que descredibilizam as denúncias de estupro, banalizam o sofrimento das mulheres e perpetuam estereótipos de gênero. Foucault (2015, p. 112) salienta que “nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias”. Desse modo, a sexualidade pode reforçar ou desafiar normas, tornando um elemento crucial na análise das dinâmicas de poder.

As relações de poder e controle de gênero são construções sociais que se espalham, moldando a interação entre homens e mulheres na sociedade. Nesse contexto, “as relações de poder nas sociedades atuais têm essencialmente por base uma relação de força estabelecida, em um momento historicamente determinável”, (Foucault, 2010, p. 176) revelando assim, que a distinção de gênero

não é algo natural, é resultado de um longo processo histórico que fortalecem as estruturas de dominação e subordinação.

A desigualdade de gênero cria um terreno fértil para a continuidade de diversas formas de violência contra a mulher, incluindo o estupro. Essa disparidade entre os gêneros favorece a dominação masculina, reforçam estereótipos e práticas que objetivam e silenciam as sujeitas. Como resultado, a violência sexual é, muitas vezes, normalizada ou minimizada e as sobreviventes enfrentam dificuldades para buscar justiça e apoio.

A Lei nº 12.015/2009 define o estupro como o ato de “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso: Pena - reclusão, de 6 (seis) a 10 (dez) anos.” (Brasil, 2009, art. 213). A lei identifica o estupro como uma questão estrutural, que precisa ser enfrentada por meio de mecanismos legais e sociais, fortalecendo a necessidade de proteção dos direitos e da dignidade das pessoas. Esta iniciativa é um exemplo de como o reconhecimento e o enfrentamento da cultura do estupro podem ser instrumentalizados para promover justiça e igualdade de gênero na sociedade. Esses fatores podem ser alcançados por meio do desenvolvimento e implementação de políticas públicas que visem à educação e à conscientização sobre igualdade de gênero e respeito aos direitos humanos. Além disso, campanhas de sensibilização e treinamento de profissionais da segurança e justiça são essenciais para garantir que o tratamento prestado às sobreviventes de estupro seja adequado. O fortalecimento de redes de apoio, como abrigos, serviços de saúde e assistência jurídica, também são essenciais para garantir que a sujeita se sinta segura e incentivada a denunciar.

Nesse sentido, Foucault (2010, p. 175) salienta que "o poder é essencialmente repressivo. O poder é o que reprime a natureza, os indivíduos, os instintos, uma classe". Diante disso, o poder pode atuar para limitar a liberdade e a autonomia, principalmente das mulheres, que historicamente foram silenciadas. Essa repressão se expressa em normas e práticas sociais, criando assim um sistema de poder que limita a liberdade enquanto mantém relações de gênero desiguais. Neste caso de poder e controle de gênero, tal repressão ocorre através de normas sociais, culturais e institucionais que ditam como as mulheres devem se comportar, vestir, falar e até pensar.

A cultura machista cria um ambiente hostil para as sobreviventes de

violência sexual, desencorajando-as de falar sobre suas experiências. Portanto, as dinâmicas de poder e controle de gênero, fundamentadas na desigualdade, no patriarcado e na cultura machista, desempenham um papel crucial na forma como as sobreviventes de estupro vivenciam e relatam suas experiências. Compreender essas dinâmicas é essencial para analisar os discursos confessionais no *site* do movimento *Me Too* Brasil, pois influenciam profundamente tanto o silenciamento das vítimas quanto como suas vozes são ouvidas pela sociedade.

## 2.2 A Cultura do estupro e o silenciamento

A cultura do estupro é um conceito que descreve como a violência sexual é normalizada, culpabilizando, frequentemente, as sobreviventes desse crime e protegendo os agressores. A normalização do estupro ocorre mediante narrativas e práticas sociais que minimizam a gravidade da violência sexual, retratando-a como inevitável ou como um mal-entendido. Rossi (2016, p 100) afirma que é comum “culpar a vítima por ter sido estuprada, alegando que o abuso foi causado devido ao fato de a mulher estar vestindo roupas curtas ou agindo de forma “atrevida” e “imoral”, incitando o estuprador ao ato”.

Ao culpar a mulher por sua vestimenta ou comportamento considerado inadequado, perpetua-se um discurso que absolve o agressor de sua responsabilidade e justifica a violência sexual como uma reação provocada pela mulher estuprada. Esse tipo de narrativa não apenas desvaloriza a experiência traumática da sobrevivente, mas também contribui para a perpetuação de uma cultura que minimiza a gravidade do estupro e dificulta a busca por justiça e apoio para as sujeitas. Essa normalização é perpetuada por representações na mídia, piadas e comentários cotidianos que tratam o estupro de maneira leviana e por sistemas legais e institucionais que falham em não responsabilizar adequadamente os agressores.

A violência de gênero, amparada por fatores culturais, está diretamente ligada à visão do corpo da mulher como propriedade masculina. Desse modo:

[...] a violência de gênero, que tem no elemento cultural seu grande sustentáculo e fator de perpetuação de violações contra as mulheres, é proveniente da objetificação da mulher e do seu corpo como propriedade de um homem, que restringe sua independência ao limitar sua autonomia e liberdade (Rossi, 2016, p.36).

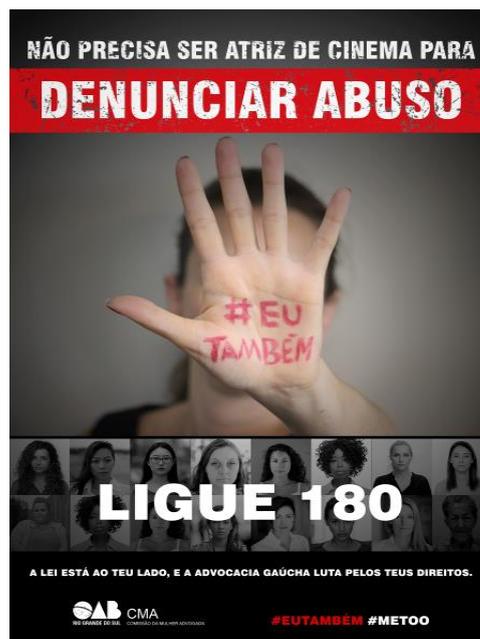
A autora revela que a objetificação das mulheres e a visão do seu corpo como propriedade masculina são base para esta cultura que perpetua a violência de gênero. Rossi (2016) reforça como essa visão cultural cria um ambiente em que a violência sexual é normalizada. Além disso, na cultura do estupro, a objetificação das mulheres é um fator que desumaniza as suas experiências e facilita a aceitação da violência sexual como algo “natural”. A ideia criada de que o corpo da mulher é propriedade do homem mostra um cenário em que o consentimento da mulher passa a ser ignorado. Isto pode ser observado em práticas comuns, como responsabilizar as mulheres pelo estupro sofrido com base na forma como se vestem ou se comportam. Ao mesmo tempo, a cultura do estupro reforça a ideia de que o corpo feminino existe para servir ao prazer masculino. Este controle sobre o corpo feminino e sobre a sexualidade é um mecanismo de poder que sustenta a violência sexual, perpetuando a desigualdade entre homens e mulheres.

Sendo a violência sexual um grave problema social que ultrapassa barreiras culturais e afeta desproporcionalmente mulheres em todo o mundo, é importante destacar que esse fenômeno não se limita a um ato isolado da agressão física, mas também inclui formas sutis de coerção e manipulação psicológica que deixam marcas profundas nas mulheres que sobreviveram a esse ato criminoso. Além disso, a violência sexual é, muitas vezes, utilizada como uma ferramenta de poder para reforçar a dominação masculina e perpetuar desigualdades de gênero, tornando-se assim uma forma de opressão na qual muitas mulheres se calam por medo ou por autoproteção.

Corbin (2021, p.157) afirma que “não há perigo em calar-se, pode existir ao falar”. O dilema para falar em contextos de opressão e as consequências que podem surgir deixa a sobrevivente em estado de vulnerabilidade, uma vez que a denúncia de estupro nem sempre é dado o devido apoio às sobreviventes. Portanto, muitas mulheres decidem se calar, não por falta de coragem, mas sim por compreender os perigos que podem surgir ao revelar a verdade. Calar-se diante do ato criminoso pode oferecer uma proteção momentânea ou evitar o confronto imediato com as consequências advindas da denúncia, mas ao mesmo tempo, a omissão perpetua um sistema de opressão que não é rompido sem que a verdade seja dita e ouvida. Por essa questão, pode ser considerada como uma forma de resistência, mas que ocorre passivamente.

Corbin (2021, p. 17) afirma que “o silêncio que era um silêncio de dignidade em 1941 se transformou em silêncio de resistência”. A transformação do silêncio de autoproteção em silêncio de resistência, demonstra uma mudança na forma como as sobreviventes se posicionam diante da opressão. Ao mesmo tempo que o silêncio pode ter sido uma forma de manter a honra e a integridade em tempos de extrema adversidade, o silêncio pode ser utilizado como uma estratégia para desafiar e subverter as estruturas de poder. Entretanto, esse silenciamento se torna um agravante, tendo em vista que se não houver o processo de denúncia, não há como acontecer a punição dos agressores. De modo geral, é crucial desafiar a cultura do estupro para construir uma sociedade mais justa e segura. A transformação do silêncio em confissão simboliza a resiliência das mulheres e a luta contra as estruturas patriarcais. Vejamos a figura a seguir:

Figura 2 - Não precisa ser atriz de cinema para denunciar abuso



Fonte: OAB/RS<sup>5</sup>

A campanha da OAB-RS (Ordem dos Advogados do Brasil – Rio Grande do Sul) de 2018, com o *slogan* "Não precisa ser atriz de cinema para denunciar abuso" aborda uma das questões centrais da cultura do estupro que é o silenciamento das sujeitas diante a violência sofrida. O *slogan* traz uma mensagem sobre a importância de romper o silêncio em relação à violência contra a mulher. É

<sup>5</sup> Fonte: <https://www2.oabrs.org.br/noticia/oab-rs-lanca-campanha-para-conscientizar-mulheres-sobre-seus-direitos/26367> Acesso em: 26 set. 2024.

importante destacar que essa escolha de palavras faz referência ao movimento #MeToo, movimento que ganhou força mundialmente quando atrizes conhecidas e figuras públicas começaram a denunciar casos de assédio e abuso sexual, trazendo à tona uma questão que por muito tempo foi silenciada.

O enunciado "*Não precisa ser atriz de cinema para denunciar abuso*" evidencia que a violência de gênero é uma questão que transcende todos os setores da sociedade e todas as mulheres, sejam elas figuras públicas ou anônimas, merecem apoio e justiça. A campanha produzida pela OAB-RS reforça o tema das relações de poder e controle de gênero existentes na sociedade, mostrando que o abuso e o assédio não são apenas questões individuais, mas reflexos de uma estrutura que, historicamente, coloca as mulheres em posição de vulnerabilidade.

Na figura 2, é possível observar também que o enunciado "*A lei está do teu lado, e a advocacia gaúcha luta pelos teus direitos*" reforça a existência das leis que foram criadas para combater os crimes de violência de gênero, como também a existência de canais de denúncia criados com o mesmo propósito, a exemplo do número telefônico "180", um serviço de utilidade pública no Brasil, conhecido como Central de Atendimento à Mulher. Criado em 2005, esse canal é administrado pela Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres e funciona 24 horas por dia em todo o território nacional e em outros países com embaixadas brasileiras. Este canal de comunicação proporciona apoio, orientação e acolhimento para mulheres em situação de violência, incluindo violência doméstica, estupro e assédio. O serviço permite fazer denúncias anônimas, esclarecer dúvidas sobre direito e obter informações sobre como proceder em caso de abuso ou ameaça. O 180 é essencial para conectar as mulheres a redes de proteção e encaminhá-las para serviços especializados, contribuindo para combater a violência de gênero e promover a segurança e a garantia dos direitos. Ao incentivar as mulheres a fazer a denúncia, a mensagem da campanha desafia as estruturas de poder, promovendo a solidariedade feminina como formas de transformar a realidade e combater a violência de sexual.

### 2.3 A prática da confissão e o apoio às sobreviventes de estupro

A confissão pública das sobreviventes de estupro é um ato que pode ser

facilitado pelas mídias digitais. As plataformas *online*, como o *site* do movimento *Me Too* Brasil, oferecem um espaço para que as sobreviventes de estupro possam compartilhar suas histórias de maneira anônima e segura. A confissão serve como uma forma de liberação emocional, permitindo que as sobreviventes expressem suas experiências sem medo de retaliação.

Foucault (2011) pesquisou a prática da confissão ao considerar a “questão das relações sujeito/verdade sob uma forma: não a do discurso em que se poderia dizer a verdade sobre o sujeito, mas a do discurso de verdade que o sujeito é capaz de dizer sobre si mesmo” (Foucault, 2011, p. 5). O autor enfatiza que a relação entre o sujeito e a verdade não se trata apenas de um discurso externo em que alguém pode falar sobre o sujeito, mas do discurso em que o próprio sujeito se expressa e revela suas próprias verdades. Esse conceito salienta o poder e a coragem necessários para se posicionar de forma autêntica, o que está ligado ao empoderamento e à resistência contra as estruturas que buscam silenciar ou controlar essas vozes. Dessa forma, o sujeito transforma-se em agente ativo da constituição de sua verdade através de narrativas pessoais, reflexões e de suas experiências vividas.

A confissão, para Foucault (2011), é um dos procedimentos existentes para se dizer a verdade, pelo qual os indivíduos revelam aspectos de si mesmos que, muitas vezes, se contrapõem às normas sociais. Essa prática de confissão é uma forma de resistência que surge entre os sujeitos, fazendo parte da constituição da subjetividade, bem como do surgimento de novos discursos.

Nesse contexto, as mídias digitais desempenham um papel de suma importância nesse processo, proporcionando um fórum global e acessível, para que as vozes das sobreviventes sejam ouvidas. Essa confissão, que também pode ser feita nos meios de comunicação sociais que divulgam informação, está intimamente ligada ao empoderamento das sobreviventes. Embora permanecer em silêncio possa ser visto como uma forma de autoproteção, falar sobre a experiência pode expor a pessoa a diversas formas de retaliação, julgamento e descrédito. Esse dilema reflete a sociedade que, muitas vezes, não oferece um ambiente seguro e de apoio para as sobreviventes de violência sexual, perpetuando o silenciamento como uma escolha menos perigosa.

Foucault (2011, p.12) no curso "*A coragem da verdade*", ministrado no *Cóllege de France*, aborda os desafios e os riscos envolvidos no ato de falar,

especialmente em contextos de poder e opressão: “O sujeito, [ao dizer] essa verdade que marca como sendo sua opinião, seu pensamento, sua crença, tem de assumir certo risco que diz respeito à própria relação que ele tem com a pessoa a quem se dirige”. Com isso, é possível destacar que falar sobre as experiências que envolvem o estupro é um ato coragem diante de uma sociedade que, muitas vezes, desacredita ou culpa as mulheres. Este ato de coragem, no entanto, não é isento de riscos, pois pode resultar em retaliação, estigmatização, isolamento e até em morte.

A coragem de dizer a verdade é definida por Foucault (2011) como *parresia*, entendida como uma maneira de dizer a verdade de forma aberta, independentemente dos riscos que isso gera. No âmbito das experiências das sobreviventes de estupro, a *parresia* se torna visível quando as sujeitas optam por romper o silêncio e compartilhar suas histórias. O ato de falar a verdade sobre si não apenas ajuda seu processo de superação individual, como alimenta um ambiente de empoderamento coletivo e transformação social. Foucault (2011) salienta que:

Para que haja parresia é preciso que, dizendo a verdade, se abra, se instaure e se enfrente o risco de ferir o outro, de irritá-lo, de deixá-lo com raiva de suscitar de sua parte algumas condutas que podem ir até a mais extrema violência. É, portanto, a verdade, no risco da violência (Foucault, 2011, p. 12)

Desta forma, o parresiasta não é alguém que simplesmente fala tudo de qualquer maneira, é aquele que ao dizer a verdade reconhece os riscos que seus discursos acarretam. Por conseguinte, a parresia é um ato de resistência exigindo a coragem de "expor" a verdade sobre si e sobre o outro. Diante disso, é fundamental refletir sobre o contexto em que as denúncias de violência, especialmente as de natureza sexual, são frequentemente tratadas. A dinâmica de poder que permeia essas situações, muitas vezes, resulta em um silenciamento das vozes femininas, pois as experiências das mulheres não são adequadamente ouvidas, investigadas ou valorizadas. Essa realidade cria um ambiente que não apenas desencoraja a confissão, mas também perpetua o trauma e a impunidade. Vigarello (1998, p.21) destaca que “a queixa é pouco ouvida, os fatos pouco aprofundados, e o acusado pouco interrogado, principalmente, quando a vítima é uma mulher adulta e também quando não há assassinato nem ferimento físico grave.” O referido autor destaca a

preocupação com o jeito que se lida com as reclamações de violência, especialmente em casos de crimes sexuais.

Vigarello (1998) mostra ainda a importância de fazer da sociedade um lugar que ajude na abertura e na validação das experiências das sobreviventes do crime de estupro. A confissão, neste caso, não deve ser somente um ato de contar uma experiência de violência, mas sim uma prática no qual a mulher sinta-se acolhida e respeitada. Quando as denúncias são ignoradas, o que acontece é um silenciamento que mantém a dor e o trauma, além de reforçar a ideia de que as vozes femininas não têm valor. O apoio às sobreviventes deve incluir não só a validação de suas experiências, como também a certeza de que suas vozes vão ser ouvidas e investigadas com seriedade, ou seja, um compromisso de profissionais da saúde, da justiça e da sociedade em geral para combater a cultura do estupro. Isso não apenas ajuda na cura individual, mas contribui para criar uma cultura mais justa na qual a violência contra gênero é enfrentada efetivamente.

A prática da confissão surge como um espaço de reivindicação para as sobreviventes de estupro, permitindo que transformem suas narrativas pessoais em ferramentas de enfrentamento ao trauma e à violência. Por meio do apoio emocional, jurídico e social, é possível criar ambientes em que as vozes dessas mulheres sejam ouvidas e respeitadas, rompendo o ciclo de silenciamento imposto pela cultura machista e patriarcal. É nesse contexto que emergem os discursos de resistência, nos quais as sobreviventes não apenas denunciam os abusos sofridos, mas também se tornam agentes da transformação social. Diante disso, o próximo capítulo aborda como essas vozes têm ressignificado o lugar das mulheres na luta contra a violência, desafiando estruturas de poder e promovendo uma cultura de resistência e encorajamento.

### 3 DISCURSOS DE RESISTÊNCIA: A VOZ DAS SOBREVIVENTES DE ESTUPRO

O movimento *Me Too* ganhou destaque em 2017 e se tornou global, adotado por muitos países. No Brasil, este movimento tornou-se uma fonte significativa de coleta e divulgação de depoimentos anônimos das sujeitas que sofreram violência sexual. As confissões das sobreviventes fornecem uma visão íntima e pessoal sobre as vivências das sujeitas, ao mesmo tempo em que expõem as estruturas de poder e controle que perpetuam o silenciamento e a impunidade. O *site* supracitado é uma forma de compartilhar enunciados das sobreviventes e mesmo que os depoimentos sejam anônimos podem ser considerados como um gesto de coragem e resistência, contribuindo para o debate público e o combate à cultura do estupro.

Dessa forma, considerando os objetivos apresentados no capítulo I deste trabalho, analisamos 4 depoimentos anônimos, com os seguintes títulos: Depoimento 1: “Sobrevivente de agressão física e violência sexual”; depoimento 2: “Violência sexual, estupro de vulnerável”; depoimento 3: “Abuso sexual cometido pelo genitor”; e depoimento 4: “Estupro de vulnerável após festa universitária”. Os depoimentos foram selecionados com base na temática do estupro, revelando-se importantes por destacar a coragem das sobreviventes em compartilhar suas experiências e incentivar outras mulheres a denunciarem o crime, mesmo que de forma anônima.

#### 3.1 A cultura do silenciamento: as dinâmicas de poder e controle de gênero a partir das narrativas de estupro

A cultura do silenciamento que permeia as narrativas de estupro reflete dinâmicas de poder e controle de gênero que afetam as sobreviventes de diversas formas. Constantemente, as sujeitas se sentem pressionadas a não compartilham suas experiências, movidas pelo medo de retaliações, pela vergonha ou pela descrença. Existe também o silenciamento de resistência e autocuidado, que ocorre quando as sobreviventes decidem manter suas histórias em silêncio como uma forma de preservar sua integridade emocional e se proteger de mais traumas. Esse tipo de silenciamento, ao contrário do que é imposto pela sociedade, pode servir como um mecanismo de autocuidado, permitindo que as sobreviventes processem suas experiências em seu próprio tempo e espaço, buscando apoio e cura de

maneira que respeitem seus limites e necessidades individuais. Esse silenciamento é reforçado por uma sociedade que, comumente, deslegitima as vozes femininas, perpetuando uma desigualdade que atravessa gerações.

Historicamente, os homens têm ocupado posições de destaque e influência, enquanto as mulheres são vistas em um papel de subordinação. Rossi (2016, p. 21) ressalta que “esses estereótipos de gênero são reproduzidos e reafirmados ao longo da vida, de modo que aquilo que é aprendido socialmente torna-se cada vez mais naturalizado”. A autora destaca como os estereótipos de gênero ensinados e reforçados desde a infância acabam se tornando comuns e até vistos como naturais. Dessa forma, a naturalização dos estereótipos perpetua as hierarquias de gênero e dificulta a busca por igualdade. Essa hierarquia se reflete nos discursos sobre estupro, uma vez que as experiências masculinas são, muitas vezes, priorizadas ou consideradas mais válidas. O estigma associado ao estupro aprofunda a desigualdade de gênero existente, criando um ambiente onde as sobreviventes temem ser julgadas ou responsabilizadas por suas próprias experiências. Isso resulta em um ciclo vicioso em que as vozes das mulheres são silenciadas e ignoradas.

Para melhor compreensão da realidade enfrentada pelas sobreviventes de violência do sexual, segue um depoimento que está disponível no site do movimento *Me Too Brasil*<sup>6</sup>. O relato oferece uma visão da experiência traumática de uma mulher que sofreu agressão física e estupro por parte de seu ex-namorado. Vejamos a sequência enunciativa a seguir:

Há alguns meses **fui vítima de agressão física** e estupro pelo meu ex namorado. Foi um evento traumático que eu jamais poderei esquecer. Era uma quinta, um dia normal até que eu e ele saímos juntos para um hotel, por um motivo que até hoje eu não sei, **ele começou a me humilhar e me agredir com palavras, até que começou a me bater repetidas vezes** de forma que meu olho esquerdo se fechou completamente. E logo após eu fiquei inconsciente e ele se aproveitou disso e me estuprou, em alguns momentos ele ameaçou a me matar. **Tenho a lembrança vívida desse dia até hoje**, faz dois meses e graças aos meus familiares e amigos, eu tenho aguentado firme e estou sendo acompanhada por uma psicanalista muito boa que me ajuda bastante. **Eu denunciei e fiz o B.O, porém nada aconteceu com o indivíduo**, mas pelo menos eu consegui uma medida protetiva, porém vivo com um medo constante e desenvolvi TEPT (transtorno de estresse pós-traumático). Mas, sou grata por ter apoio e ajuda dos meus familiares e hoje em dia eu vivo a vida agradecendo por estar viva. (Depoimento 1, Me Too Brasil, grifos nossos)

---

<sup>6</sup> <https://metoobrasil.org.br/>

O depoimento anônimo evidencia as dinâmicas de poder e controle de gênero que permeiam situações de violência sexual contra as mulheres. A agressão física e sexual relatada pela sobrevivente ilustra como essas dinâmicas se manifestam nas relações, em que o agressor utiliza da violência e da intimidação para afirmar seu domínio sobre a sujeita. O fato de o namorado, na época que ocorreu o crime, ter passado de insultos verbais para agressão física e, em seguida, estupro, mostra um controle que visa silenciar a mulher, reforçando a hierarquia de poder historicamente associada ao gênero masculino.

O relato da sobrevivente expõe detalhes que revelam a gravidade do trauma vivido. No enunciado "*fui vítima de agressão física*" identifica que a violência sofrida não se restringiu apenas ao estupro, mas envolveu agressões físicas, o que reforça a gravidade da situação, pois mostra que o agressor utilizou a força como ferramenta para intimidar e ferir, indo além do ato sexual forçado. A sequência do enunciado, "*ele começou a me humilhar e me agredir com palavras, até que começou a me bater repetidas vezes*", descreve a humilhação verbal imposta pelo agressor como uma estratégia de controle e dominação, que mais tarde se converte em violência física. As ofensas e as agressões reiteradas apontam para uma tentativa do agressor de se impor emocional e fisicamente sobre a sobrevivente. Esse trecho evidencia a brutalidade não como um evento isolado, mas como um ciclo incessante, ilustrando a coexistência da agressão física e verbal e ampliando o impacto psicológico da experiência.

O enunciado "*Tenho a lembrança vívida desse dia até hoje*" reforça a permanência do trauma na memória da sujeita. A lembrança constante do abuso sofrido é um indicativo de que o acontecido não apenas marcou aquele momento específico, mas continua a influenciar seu estado emocional e psicológico. É uma evidência de que o trauma não se encerra com o fim da violência. Além disso, o enunciado "*Eu denunciei e fiz o B.O, porém nada aconteceu com o indivíduo*" aponta diretamente para a ineficácia das instituições em oferecer uma resposta imediata ou satisfatória às denúncias.

Os enunciados destacados refletem a sensação de injustiça e de desamparo diante de um sistema que, embora reconheça formalmente o delito, não age de forma efetiva para proteger a mulher ou responsabilizar o agressor. A inclusão do "*porém*" na afirmação sublinha a oposição, intensificando a frustração da mulher, que tinha a expectativa de que a denúncia resultasse em ações concretas. Essa

lacuna na resposta institucional não apenas deixa o agressor impune, mas também perpetua o sentimento de vulnerabilidade da sobrevivente.

Essa perspectiva ressalta como a violência sexual é uma manifestação extrema do controle patriarcal sobre as mulheres. No contexto do depoimento analisado, o domínio masculino se expressa pela tentativa de submissão e priva a mulher de sua autonomia. Nesse sentido, Rossi (2016, p. 21-22) destaca que “o caráter de opressão sexual incide muito mais forte sobre a realidade feminina, que não possui domínio sobre seu próprio corpo e sua sexualidade, elementos centrais da dominação patriarcal”. No relato, o ex-namorado utiliza a violência sexual, verbal e física como ferramentas de controle, exemplificando a maneira como o patriarcado se manifesta por meio da tentativa de privar a mulher de sua autonomia corporal. Essa dinâmica evidencia que, em contextos de violência de gênero, a opressão vai além da agressão em si e atinge a questão do direito da mulher sobre seu próprio corpo, reforçando a dominação.

A ameaça de morte mencionada no depoimento “*em alguns momentos ele ameaçou a me matar*” é uma tática de controle, evidenciando o uso do medo como um meio para submeter a sujeita ao controle do agressor. Mesmo após a experiência traumática, a constante vigilância e a manifestação de TEPT (transtorno de estresse pós-traumático) evidenciam como os efeitos do poder e do controle de gênero persistem além do evento em si, mantendo a sobrevivente em uma condição de fragilidade, que se reflete em suas palavras: “vivo com um medo constante”.

O boletim de ocorrência e da medida protetiva exemplifica como as estruturas sociais e legais podem falhar em proteger as mulheres, reforçando um ciclo de impunidade que favorece os agressores e desestimula as denúncias. No caso analisado, o sobrevivente menciona, como já destacado, ter feito a denúncia e obter uma medida protetiva, mas sem ver consequências reais para o agressor. Nesse sentido, “as vítimas ficam mais marcadas e feridas pela desconfiança das instituições, pela falta de cuidado e acolhimento, pelas tentativas de jogar a culpa nelas, do que pelo crime” (Araújo, 2020, p. 50). A autora discute uma realidade em que as sobreviventes de violência sexual enfrentam, que é a ausência das instituições em oferecer proteção e justiça adequadas para as sujeitas. A seguir, o segundo depoimento revela a realidade de muitos casos de abuso sexual, as sujeitas violadas dentro do próprio lar. O enunciado a seguir, compartilhado anonimamente no *site do movimento Me Too Brasil*, revela como o agressor se

aproveita da proximidade e da confiança da família para cometer atos de violência sexual.

**Meu abuso, assim como o de várias vítimas, foi silencioso, dentro da minha própria casa, por uma pessoa que meus pais confiavam muito.** [...] Em uma das vezes eu fui tomar banho nesse banheiro e ele entrou junto comigo para me ajudar a banhar, acredito que eu tinha por volta dos 5 anos na época. Recordo que senti uma ardência muito grande na região da minha virilha e que ele veio me ajudar, dizendo que eu tinha derramado sabonete nas minhas partes íntimas. O cenário era tão opressor que minha mãe até entrou no banheiro para ver se estava tudo bem comigo e acreditou no que ele tinha dito, que eu tinha mesmo derramado o sabonete na virilha e que estava apenas me ajudando, mas essa não era a verdade e fico muito claro quando me pegou e me colocou na cama, abriu minhas pernas e fez o que quis comigo. **Eu ainda consigo sentir até hoje qual era a sensação de ser invadida**, consigo recordar da dor que senti na região íntima, da textura do lençol nas minhas costas, da forma como minhas pernas estavam abertas e imobilizadas e para ser sincera, acho que nunca irei esquecer **disso**. Nunca contei para minha família sobre o ocorrido, pois eles são super protetores comigo e um pouco conservadores e, **para ser sincera, não acho que acreditariam em mim também.** (Depoimento 2, Me Too Brasil, grifos nossos)

O depoimento em questão revela muitos aspectos da cultura do silenciamento, especialmente no que diz respeito às dinâmicas de poder e controle de gênero. Desde o início, o relato descreve um abuso que ocorreu em um ambiente que se é considerado seguro, a própria casa da sujeita. Ela relata isso no enunciado *“Meu abuso, assim como o de várias vítimas, foi silencioso, dentro da minha própria casa, por uma pessoa que meus pais confiavam muito”*. Tal enunciado reforça a ideia de que o lar, tradicionalmente associado à proteção e à segurança, foi transformado em um espaço de violação e vulnerabilidade, uma vez que o lugar que deveria ser seguro se torna o cenário do trauma.

No enunciado *“Eu ainda consigo sentir até hoje qual era a sensação de ser invadida”* expressa a persistência do trauma causado pelo abuso. Mesmo com o passar do tempo, as marcas emocionais da violência permanecem presentes na memória da sobrevivente. A permanência da memória dolorosa revela a dificuldade de superar completamente as consequências psicológicas do abuso, que se manifestam como uma revivência contínua do sofrimento, assim como no depoimento 1, o no qual a sobrevivente descreve a memória *“vívida desse dia até hoje”*, demonstrando como a ligação entre os dois depoimentos revela o isolamento emocional comum entre sobreviventes de violência sexual.

No trecho do depoimento *“para ser sincera, não acho que acreditariam em mim também”* reflete a descrença e insegurança que muitas mulheres que sofreram abuso sexual enfrentam ao considerar a possibilidade de relatar suas experiências.

O enunciado evidencia não apenas uma dúvida sobre o acolhimento dos outros, mas também uma internalização do descrédito que a sociedade frequentemente impõe às sobreviventes de violência sexual. Sobre isso, Araújo (2020, p.23) salienta que “os motivos para o silêncio das pessoas que sofreram essa violência são os mesmos em qualquer parte do planeta: elas sentem medo, vergonha e culpa e, muitas vezes, dependem financeiramente do agressor”. O impacto psicológico do abuso, combinado com a percepção de que o sistema judicial e a sociedade não acolherão sua história, pode levar as sobreviventes a evitarem o confronto com um processo de denúncia que, muitas vezes, é doloroso.

Ao abordar os impactos da violência sexual e os desafios enfrentados pelos sobreviventes, torna-se evidente como o silenciamento é perpetuado por barreiras sociais e emocionais enraizadas. No entanto, para compreender essa dinâmica, é essencial explorar a influência da cultura machista e patriarcal, que não apenas sustenta tais barreiras, mas também práticas legítimas que descredibilizam e culpabilizam as sobreviventes de violência sexual. A partir dessa perspectiva, o próximo subtópico analisará como essas estruturas culturais moldam o silenciamento dos sobreviventes.

### 3.2 A Influência da Cultura Machista e Patriarcal no Silenciamento das Sobreviventes

A cultura machista e patriarcal exerce uma influência no silenciamento das sobreviventes de violência sexual, reforçando estruturas sociais que legitimam a opressão e minimizam a gravidade dos abusos. É necessário compreender como essas dinâmicas de poder e controle moldam as experiências das sobreviventes, não apenas durante o abuso, mas também no enfrentamento de seus traumas e na busca por justiça. O silenciamento das sobreviventes de violência sexual, muitas vezes, está ligado a dinâmicas familiares e sociais que privilegiam a preservação da “honra” em detrimento da verdade e da justiça.

Corbin (2021, p. 170) salienta que “o silêncio é, antes de tudo, uma tática. Ele é uma proteção contra a revelação dos segredos da família e contra qualquer ataque ao patrimônio de honra”. O autor destaca como o silêncio pode ser utilizado para preservar a imagem social e proteger os envolvidos nas exposições que poderiam comprometer a confiança familiar ou social. O silêncio, portanto, não é apenas uma consequência do medo pessoal, mas também uma forma de se adequar às normas

sociais que priorizam a imagem externa, de uma aparência de honra, moralidade e respeito atribuída à família, ao invés do bem-estar emocional e psicológico das sobreviventes de estupro, o medo de ser julgada e desacreditada é, muitas vezes, mais paralisante do que o próprio trauma do abuso.

Em seguida, o próximo depoimento evidencia os desafios enfrentados por muitas sobreviventes, depoimento esse compartilhado anonimamente no *site* do movimento *Me Too Brasil*.

Tudo só parou quando eu me mudei para outra cidade, tanto tempo já se faz que eu me mudei, ainda mais que todas essas coisas aconteceram, mas só parece que foi ontem, porque tudo só se repete em um looping na minha cabeça: **todos os dias, sem exceção, lá no fundinho da mente estão todos esses momentos em repetição.** Eu queria que essa parte também sumisse, mas são marcas imutáveis, dizem que eu sou forte por ter vivido depois disso, entretanto eu não consigo concordar. **Eu não consigo falar muito sobre, eu ainda sinto medo, medo de morrer se eu falar, medo de ninguém nunca acreditar em mim, medo de ser uma mentirosa vulgar** que desejou tudo isso na infância e só quer atenção, só que agora eu tenho mais medo de minha alma ser consumida por esse monstro que essas lembranças viraram, eu não quero mais morrer, eu não preciso da credibilidade, eu só queria a sensação de estar limpa de novo. (Depoimento 3, Me Too Brasil, grifos nossos)

O enunciado "*todos os dias, sem exceção, lá no fundo da mente estão todos esses momentos em reprodução*" revela o impacto do trauma na vida dos sobreviventes, como também pode ser evidenciada as dinâmicas de silenciamento impostas pela cultura machista e patriarcal. A persistência dessas memórias reflete como o sofrimento das mulheres é frequentemente internalizado, em parte porque a sociedade não oferece espaços seguros e acolhedores para que elas compartilhem suas experiências. A repetição constante desses momentos na mente da sobrevivente pode ser entendida como o resultado do isolamento e da falta de validação social. O silêncio não é apenas imposto pelo medo do julgamento, mas também pela construção cultural que responsabiliza as mulheres pelos seus próprios traumas, reforçando a ideia de que o melhor caminho é o silêncio.

No enunciado "*Eu não consigo falar muito sobre, eu ainda sinto medo, medo de morrer se eu falar, medo de ninguém nunca acreditar em mim, medo de ser uma mentirosa vulgar*", o sentimento que prevalece na sobrevivente aparece como uma força paralisante, alimentada por múltiplas camadas de opressão e pela falta de amparo social. Ao relatar sobre o "*medo de morrer se eu falar*" evidencia a ameaça de retaliação, frequentemente, usada por agressores como estratégia para manter o controle e silenciar a mulher.

O relato apresentado revela a persistência do trauma e a incapacidade de escapar das memórias dolorosas. A menção ao medo de ser desacreditada ou rotulada como "*mentirosa vulgar*", como a sujeita diz em seu depoimento, evidencia a internalização dos estigmas sociais que cercam a denúncia do crime. Pensamento esse que surge de uma sociedade que atribui à mulher olhares de desviante ou errante. A cultura de desconfiança e minimização da experiência feminina serve como um mecanismo de silenciamento, que inibe a expressão da verdade e o compartilhamento das vivências traumáticas. Entretanto, é importante destacar também que "a desconfiança em relação ao olhar daquele que interroga não é a única causa deste silêncio" (Corbin, 2021, p.171). O autor salienta que há fatores mais profundos e complexos que são fundamentais para o silêncio, como o medo de retaliação, o estigma social, a vergonha e a internalização de normas culturais que desestimulam a denúncia. Além disso, pode haver um sentimento de impotência, a percepção de que uma verdade dita não será suficiente.

A cultura machista e patriarcal exerce uma influência profunda no silenciamento das sobreviventes de violência, criando um ambiente em que o medo, a vergonha e a culpa são frequentemente internalizadas. Sobre isso, Rossi (2016, p.19) evidencia que "a identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo". No caso das mulheres implica em papéis relacionados ao cuidado, à passividade ou à subordinação. Enquanto aos homens podem estar associados às características como liderança e força. Essa atribuição de papéis não apenas limita as possibilidades de expressão individual, mas também reforça desigualdades, influenciando o acesso a oportunidades e a percepção de valor social.

As sobreviventes, comumente, enfrentam um dilema ao expor suas histórias. Por um lado, há a oportunidade de desafiar o silêncio e a impunidade; por outro, a possibilidade de enfrentarem críticas e desconfiança. O depoimento que se segue exemplifica isso:

**Eu acredito que assim como eu, você aí do outro lado também foi vítima de abuso sexual e que talvez se sinta culpada, constrangida e se perguntando se ficou maluca**, se aquilo realmente aconteceu. **Eu não posso dizer como sair desse ciclo horrível de pensamentos**, mas prometo que se um dia eu descobri, venho contar aqui para você. (Depoimento 2, Me Too Brasil, grifos nossos)

O enunciado "*Eu acredito que assim como eu, você aí do outro lado também foi vítima de abuso sexual e que talvez se sinta culpada, constrangida e se questionou se ficou maluca*" ao estabelecer uma conexão direta com outras sobreviventes, expõe como essas experiências de violência sexual e suas consequências emocionais são compartilhadas, mas permanecem invisíveis em um contexto de opressão estrutural. O trecho "*talvez se sinta culpada*" denuncia a culpabilização das sobreviventes, uma prática comum em sociedades patriarcais que transferem a responsabilidade da violência sexual para quem sofreu.

O depoimento em questão reflete uma realidade enraizada na cultura machista e patriarcal, que perpetua o silenciamento das sobreviventes de estupro. A expressão "*se sinta culpada, constrangida e se perguntando se ficou maluca*" evidencia a internalização de sentimentos negativos. Essa internalização é um reflexo da maneira como a sociedade patriarcal constrói narrativas que culpabilizam as mulheres, questionando sua credibilidade e sanidade, enquanto minimiza a gravidade da violência sofrida. Assim, "muitas mulheres não fazem queixa porque acham que vão se expor realizando uma denúncia que não terá resultados efetivos" (Araújo, 2020, p.23). A sensação de que uma denúncia não resultará em medidas concretas de proteção ou justiça é reforçado por experiências comuns em que as sujeitas enfrentam desconfiança, deslegitimação e procedimentos legais.

A cultura machista não apenas deslegitima as experiências das mulheres, mas também as condiciona a duvidar de suas próprias percepções. A dúvida da sujeita do depoimento 2 sobre "*se aquilo realmente aconteceu*" é um sintoma da desconfiança que permeia as interações sociais em um ambiente que frequentemente coloca a palavra do agressor acima da palavra da sobrevivente. Sobre isso, Araújo (2020, p. 33) afirma que "a culpa para esse descaso não é apenas das autoridades, mas se explica também pelo silêncio de toda a sociedade em torno do tema". Assim, é observado nos depoimentos expostos que o problema do silenciamento em torno da violência contra as mulheres não se limita apenas à ineficácia ou à omissão das autoridades, mas é sustentado por uma sociedade patriarcal.

A sensação de estar presa em um ciclo de lembranças dolorosas, como descrito no enunciado "*Eu não posso dizer como sair desse ciclo horrível de pensamentos*", mostra a realidade de muitas sujeitas que, mesmo após tentativas de recomeço, sentem-se incapazes de escapar das marcas deixadas pelo trauma. O

depoimento reflete como o silêncio imposto pode se transformar em um ciclo de pensamentos intrusivos, reforçado por culpa, medo e descrença. Em sociedades no qual o estigma e a desconfiança em relação às sobreviventes ainda são prevalentes, o ato de compartilhar experiências traumáticas torna-se um desafio, uma vez que “os juízes clássicos só acreditam na queixa de uma mulher se todos os sinais físicos, os objetos quebrados, os ferimentos visíveis, os testemunhos concordantes confirmam suas declarações” (Vigarello, 1998, p. 8). O fato de que os depoimentos das mulheres, muitas vezes, só são levados a sério se acompanhados de provas físicas e testemunhas, sublinha a desumanização e a descredibilização que as sujeitas enfrentam. Além disso, evidencia que os testemunhos das sobreviventes são insuficientes para alcançar a justiça.

O silenciamento das sobreviventes de estupro perpetuado por uma cultura machista e patriarcal evidencia como a violência vai além do ato em si, estendendo-se à invalidação das narrativas das sujeitas. Entretanto, mesmo diante desse cenário opressor, muitas mulheres têm encontrado formas de resistir, rompendo o silêncio imposto e transformando seus relatos em atos de coragem e luta. Com base nisso, é crucial discutir como essas práticas de resistência podem se traduzir em encorajamento para a denúncia, promovendo justiça e fortalecimento para o enfrentamento desse crime.

### 3.3 A verdade sobre si: resistência e encorajamento à denúncia do estupro

A confissão pública de experiências de violência sexual tem se tornado cada vez mais comum, impulsionado, sobretudo, pela popularização das redes sociais e pelo fortalecimento dos movimentos feministas e de defesa dos direitos das mulheres. Essas confissões são um meio de expressão e desabafo, mas também de luta e resistência, em que as sujeitas buscam não apenas voz, mas reconhecimento e acolhimento em uma sociedade que, historicamente, as silencia e invisibiliza suas narrativas. Nesse contexto, a confissão pública de um abuso sexual se torna um desafio e ao mesmo tempo que promove a conscientização e pode incentivar outras sobreviventes a falarem.

Nesse cenário, a expressão da verdade pessoal se torna um ato de resistência e uma forma de reivindicar espaço em uma narrativa que, muitas vezes, as marginaliza. A partir da ideia de que a expressão da verdade pessoal é um ato de

resistência, uma das sobreviventes compartilha o seguinte depoimento: “*É bom poder contar a minha história. Por mais que neguemos e seja difícil de aceitar, isso que acontece, passa a fazer parte de nós*” (Depoimento 4, *Me Too Brasil*). Neste enunciado, nota-se como a aceitação da sujeita sobre a própria narrativa é um passo para romper com esse ciclo de silenciamento e ressignificar sua experiência. A ressignificação não apenas promove um processo de cura pessoal, mas também desafia as normas sociais que tentam manter as vozes das mulheres silenciadas, Foucault (2021, p. 241) salienta que “para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele”. A partir disso, revela-se que compartilhar vivências traumáticas não é apenas uma forma de enfrentamento. Quando a sobrevivente narra sua história, desafia o silenciamento imposto pela sociedade. O ato de falar a verdade sobre si expõe a violência sofrida, e também cria novos espaços para a resistência e a reconstrução pessoal. Tal como o poder, a resistência se torna produtiva, reinventando-se no processo de ressignificação da experiência traumática.

A luta contra a cultura do estupro envolve estratégias de resistência que desafiem as normas sociais e as estruturas de poder. A sujeita do depoimento 4, afirma que “*É bom poder contar a minha história*”. A aceitação de que os traumas fazem parte de sua identidade não implica em se deixar definir por eles, mas em também reconhecer sua presença como parte do processo de cura. Ao compartilhar sua história, a sujeita não apenas busca libertar-se do peso do silêncio, mas também abre caminho para que outras mulheres possam fazer o mesmo.

O relato seguinte expõe os desafios enfrentados pela sobrevivente após um ato violento e a luta contínua por justiça em um sistema, muitas vezes, ineficaz.

Então, contei para minha mãe, ela chamou a polícia, me levaram ao hospital para tomar os medicamentos para prevenir várias coisas. E, sim, denunciei. **Encontraram ele e como sempre, ele disse “Ela quis!”. Esse ano fez 5 anos... Nada foi resolvido.** Eu não estudo mais na Federal, mudei minha vida para tentar esquecer tudo isso. **Ele? Se formou.** Mas sei que podem passar anos, isso vai ser resolvido. Ainda acredito na justiça. Se não for a dos homens, será a de Deus. Superar? Não sei. Seguir em frente, devemos tentar todos os dias. (Depoimento 4, *Me Too Brasil*, grifos nossos)

O enunciado “*Encontraram ele e como sempre, ele disse ‘Ela quis!’*”. *Esse ano fez 5 anos... Nada foi resolvido*” expõe os desafios enfrentados pelas sobreviventes de estupro ao buscar justiça. A afirmação “*Ela quis!*” reflete a constante tentativa de minimizar o crime e transferir a culpa para a sujeita, algo que é enraizado na cultura

machista e patriarcal. No entanto, o fato de que, “*Esse ano fez 5 anos... Nada foi resolvido*” é uma crítica à falha do sistema de justiça. A coragem da sobrevivente ao compartilhar sua experiência, resiste ao ciclo de impunidade e vergonha. Com isso, a resistência não se limita a um ato individual, mas é uma forma de encorajar outras sobreviventes a se manifestar e denunciar os abusos, mostrando que a luta pela justiça, embora demorada e árdua, é um passo importante para quebrar o silêncio imposto pela sociedade.

No enunciado “*Ele? Se formou*” exibe a sensação de impunidade. O discurso apresenta a frustração das sobreviventes diante de um sistema que, frequentemente, privilegia os agressores. A sensação de que o agressor “se formou” pode desencorajar muitas sujeitas a não se manifestarem, uma vez que a falha na responsabilização alimenta o medo de que suas denúncias também sejam minimizadas ou ignoradas. No entanto, é justamente nesse cenário de resistência que se torna crucial a voz das sobreviventes. Nesse sentido, Foucault (2021, p.14) destaca que “o problema não é mudar a “consciência” das pessoas, ou o que elas tem na cabeça, mas o regime político, econômico, institucional de produção da verdade”. O autor destaca que a raiz da injustiça está em estruturas que legitimam e sustentam certas narrativas, enquanto marginalizam outras. Assim, a transformação desse cenário exige mais do que conscientização individual, requer uma reestruturação dos sistemas políticos, legais e culturais que moldam como a violência sexual é entendida e enfrentada.

Enfrentar o silenciamento e encorajar a denúncia do crime de estupro requer um esforço conjunto que vá além das mudanças individuais e aborde as estruturas políticas, econômicas e institucionais que moldam a produção da verdade. É fundamental criar espaços seguros onde as sobreviventes possam compartilhar suas experiências sem medo de retaliação ou estigmatização, assim como o ambiente virtual do Me too Brasil. É importante alcançar não apenas a expansão de políticas públicas que protegem e acolhem o suporte às sobreviventes, bem como a ampliação de campanhas de conscientização que enfrentam a cultura de culpabilização e desconfiança. Além disso, é importante que a sociedade reconheça e fomente atos de confissão, proporcionando às mulheres a liberdade de expressar suas verdades, inspirando, assim, outras a seguirem o exemplo. A reformulação dos sistemas de justiça e das práticas institucionais, assegurando que os relatos sejam abordados com a seriedade e empatia que merecem, constitui um passo

fundamental para alterar a resposta social e institucional ao crime de estupro, favorecendo uma cultura de acolhimento, suporte e justiça.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os depoimentos analisados nesta pesquisa a partir do site do movimento *Me Too* Brasil destacam a importância de compreender e enfrentar o silenciamento imposto às mulheres, especialmente, no contexto da violência sexual. A coragem de falar a verdade sobre si mesmas revela um ato de resistência. Com base nos conceitos apresentados por Foucault (2008, 2011, 2015, 2021), é visto a necessidade de coragem para expor experiências pessoais em um ambiente social que, frequentemente, desacredita ou culpabiliza as sobreviventes. Tal prática, ao mesmo tempo, desafia estruturas de poder que legitimam o descrédito e perpetuam a cultura do silêncio.

O crescimento das plataformas digitais e o aparecimento de iniciativas como o *Me Too* Brasil têm proporcionado espaços nos quais as mulheres podem relatar suas experiências, buscar suporte e motivar outras sobreviventes a fazerem o mesmo. Essas plataformas online têm sido essenciais para dar voz às sujeitas e fomentar uma rede de solidariedade que fortalece a quebra do silêncio, desafiando as normas culturais que favoreceram os agressores e silenciaram as sobreviventes desse crime. Iniciativas como o site do movimento *Me Too* Brasil não apenas destacam enunciados individuais, mas também aumentam a conscientização coletiva acerca da frequência e gravidade da violência sexual, promovendo possíveis mudanças sociais e legislativas. Com isso, a transformação não é apenas individual, mas da sociedade como um todo, à medida que outras mulheres se sentem encorajadas a denunciar, criando um ciclo de fortalecimento mútuo.

Por fim, destacamos que a presente pesquisa reforça como os discursos das sobreviventes de estupro no site do movimento *Me Too* Brasil evidenciam as dinâmicas de poder e controle de gênero que permeia a sociedade, destacando o impacto da cultura machista e patriarcal no silenciamento das vozes das mulheres. A estrutura social não apenas minimiza a gravidade do crime, mas também intimida as sujeitas, dificultando a busca pela justiça. Contudo, a coragem das mulheres ao compartilharem suas histórias, mesmo que de forma anônima, representa um ato de resistência que desafia a cultura opressora. Ao falar a verdade sobre suas experiências, as sobreviventes rompem o ciclo do silenciamento e inspiram outras sobreviventes a se manifestarem, contribuindo para um movimento coletivo que visa transformar a narrativa em torno do estupro e promover um ambiente mais seguro e

respeitoso para todos.

As análises realizadas permitiram concluir que as dinâmicas de poder e controle de gênero exercem um papel importante nos discursos das sobreviventes de estupro, evidenciando como essas relações desiguais moldam as narrativas pessoais e sociais sobre a violência sexual. A cultura machista e patriarcal, ao normalizar a objetificação das mulheres e perpetuar a culpabilização das sujeitas, emerge como um fator determinante no silenciamento das sobreviventes, criando barreiras emocionais, sociais e institucionais à denúncia. Contudo, a confissão e a expressão da verdade sobre si permitem que as mulheres confrontem essas estruturas opressivas e ressignifiquem suas experiências, transformando dor em resistência. Ao encorajar a denúncia e a conscientização, a verdade pessoal torna-se uma ferramenta poderosa na luta contra a violência de gênero, reforçando a importância de apoiar as sobreviventes e desafiar os sistemas que sustentam a desigualdade e a impunidade.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. P. **Abuso: a cultura do estupro no Brasil**. 1 ed. Rio de Janeiro, Globo Livros, 2020

BRASIL, M. T. **Desabafos #Me Too**. Disponível em <<https://metoobrasil.org.br/desabafos>>. Acesso em: 2 de Agosto de 2024

BRASIL. Lei nº 12. 845, de 1º de agosto de 2013. Código Penal. Diário Oficial da União. Poder Executivo, Brasília, DF, 2013.z

BRANDÃO, Z. **A dialética macro/micro na sociologia da educação**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, SP, n. 113, p. 153-165, jul. 2001.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CORBIN, Alain. **História do Silêncio: do Renascimento aos nossos dias**. Tradução de Clinio de Oliveira Amaral. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 17 de junho de 2024.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II**. Curso no Collège de France (1983- 1984). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 3. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e José A. Guilhaon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. . Organização e revisão Técnica de Roberto Machado. 11º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

NERY, Luciana Fernandes. **Entre os riscos e a coragem de dizer a verdade sobre si: os discursos das sobreviventes de estupro a partir da prática da confissão no facebook**. 2021. 231 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005

ROSSI, G. **A culpabilização da vítima no crime de estupro: os estereótipos de gênero e o mito da imparcialidade jurídica**. 1 ed. Florianópolis: Empório do Direito, 2016

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

VIGARELLO, G. **História do estupro: Violência sexual nos séculos XVI-XX**. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1998

# ANEXOS

## **Anexo 1 - DEPOIMENTO 1: Sobrevivente de agressão física e violência sexual**

Há alguns meses fui vítima de agressão física e estupro pelo meu ex namorado.

Foi um evento traumático que eu jamais poderei esquecer. Era uma quinta, um dia normal até que eu e ele saímos juntos para um hotel, por um motivo que até hoje eu não sei, ele começou a me humilhar e me agredir com palavras, até que começou a me bater repetidas vezes de forma que meu olho esquerdo se fechou completamente. E logo após eu fiquei inconsciente e ele se aproveitou disso e me estuprou, em alguns momentos ele ameaçou a me matar.

Tenho a lembrança vívida desse dia até hoje, faz dois meses e graças aos meus familiares e amigos, eu tenho aguentado firme e estou sendo acompanhada por uma psicanalista muito boa que me ajuda bastante.

Eu denunciei e fiz o B.O, porém nada aconteceu com o indivíduo, mas pelo menos eu consegui uma medida protetiva, porém vivo com um medo constante e desenvolvi TEPT (transtorno de estresse pós-traumático). Mas, sou grata por ter apoio e ajuda dos meus familiares e hoje em dia eu vivo a vida agradecendo por estar viva.

## **Anexo 2 - DEPOIMENTOS 2: Violência sexual, estupro de vulnerável**

Acho que a maioria das pessoas que chegaram até aqui foram pelo mesmo motivo que eu, a violência contra vulneráveis.

Não me lembro muito bem quando começou o abuso em si, mas me lembro que a última vez que aconteceu eu tinha menos de 10 anos. Assim como muitas vítimas, o meu agressor era um parente muito próximo de mim e da minha família. Quando pequena, minha casa recebia muitas visitas e era comum que essa pessoa viesse nos visitar. Na época, eu não sabia que o que acontecia comigo era estupro, só sabia que era muito estranho, pois sempre era feito escondido, como se fosse um segredo que não pudesse ser revelado. O primeiro vislumbre que tive sobre como esse ato era um crime foi em uma conversa que tive com uma amiga minha, aos 14 anos. Me lembro que estávamos conversando sobre situações constrangedoras da vida e relatei o ocorrido com a maior naturalidade do mundo e minha amiga, sendo um pouco mais velha que eu, ficou horrorizada quando contei por cima o que tinha acontecido comigo, mas a ficha só foi cair mesmo quando fiquei mais velha, com 16 ou 17 anos, pois na maioria das vezes eu queria fingir que não tinha acontecido nada comigo. Chegou a um ponto que eu não conseguia mais fingir que aquilo não tinha acontecido, não conseguia parar de pensar no ato e, principalmente, eu como eu me sentia culpada por aquilo ter ocorrido. Comecei a ter crises de ansiedade, despersonalização, desrealização e tentei suicídio por volta de 16 anos. Além disso, eu tenho pesadelos também, que não são sobre o ato em si, mas sobre como eu me senti na hora. Às vezes, eu acho que estou sendo sufocada por alguém e que vou morrer.

Meu abuso, assim como o de várias vítimas, foi silencioso, dentro da minha própria casa, por uma pessoa que meus pais confiavam muito. Me lembro que ele sempre foi muito gentil comigo, costumávamos brincar e fazer várias atividades quando vinha nos visitar. A casa onde aconteceu o estupro tinha um quarto destinado para as visitas, com um banheiro, que odeio até hoje. Em uma das vezes eu fui tomar banho nesse banheiro e ele entrou junto comigo para me ajudar a banhar, acredito que eu tinha por volta dos 5 anos na época. Recordo que senti uma ardência muito grande na região da minha virilha e que ele veio me ajudar, dizendo que eu tinha derramado sabonete nas minhas partes íntimas. O cenário era tão opressor que minha mãe até entrou no banheiro para ver se estava tudo bem

comigo e acreditou no que ele tinha dito, que eu tinha mesmo derramado o sabonete na virilha e que estava apenas me ajudando, mas essa não era a verdade e fico muito claro quando me pegou e me colocou na cama, abriu minhas pernas e fez o que quis comigo. Eu ainda consigo sentir até hoje qual era a sensação de ser invadida, consigo recordar da dor que senti na região íntima, da textura do lençol nas minhas costas, da forma como minhas pernas estavam abertas e imobilizadas e para ser sincera, acho que nunca irei esquecer disso. Nunca contei para minha família sobre o ocorrido, pois eles são super protetores comigo e um pouco conservadores e, para ser sincera, não acho que acreditariam em mim também.

Na maioria dos dias eu consigo levar uma vida normal, mas às vezes eu só quero fingir que não existo, que a dor não existe.

Como havia dito antes, tentei suicídio quando tinha por volta dos 16 anos. Na minha casa, tínhamos uma máquina de lavar que estava estragada e dava choque. Minha mãe tinha me dito para não chegar perto, pois era perigoso, mas eu estava tão mal naquele dia, parecia que eu vivia um pesadelo e que não conseguia sair dele. Então eu me molhei toda e peguei no fio desencapado da máquina e minha sorte foi que meu pai tinha arrumado antes, caso contrário eu teria morrido eletrocutada.

Eu acredito que assim como eu, você aí do outro lado também foi vítima de abuso sexual e que talvez se sinta culpada, constrangida e se perguntando se ficou maluca, se aquilo realmente aconteceu. Eu não posso dizer como sair desse ciclo horrível de pensamentos, mas prometo que se um dia eu descobri, venho contar aqui para você.

### **Anexo 3 - DEPOIMENTO 3: Abuso sexual cometido pelo genitor**

Eu não sei por onde começar, fazem alguns anos que ocorreu e é a primeira vez que pretendo dizer tudo o máximo que der. Eu me sinto nervosa ao pensar sobre, porque as memórias ficam no fundo da mente sempre, e acessar desencadeiam crises e crises, com flashbacks sem fim, até desmaios, são muitas sensações para se lidar, estragou parte de mim de um todo que já nasceu ruim.

Não sei dizer exatamente a idade, mas era entre 4 a 5 anos, num contexto de separação. Minha mãe estava se separando do meu pai definitivamente, por conta de que ela tinha arranjado outra pessoa, além disso ela queria muito me levar e levar minha irmã mais velha com ela, para uma cidade bem longe da onde nós morávamos, para sermos um tipo de família nova com esse novo cara.

Eu ainda tento caçar motivos, e rostos aos atos, mas sempre soa nublado demais e inacreditável para dizer. Diria que a raiva ou frustração tenha sido um motivo chave para que acontecesse.

A primeira vez foi escura, no sentido de que foi um dia escuro, não estava com a minha mãe, somente eu e minha irmã indo dormir na velha casa do meu pai. Tinha uma cama só, de casal, e um cheiro de umidade fria, dormiríamos na mesma cama e tava tudo tranquilo. Exceto por minha insônia, que sempre me fez acordar em momentos aleatórios da noite, e uma das vezes que eu acordei eu tava sentindo mexerem em mim, meu medo de ser um monstro ou fantasma me paralisou, descia do meu cabelo para rosto, para barriga e ia descendo e descendo, o que me deixou em desespero e me fez chorar, o que piorou quando eu senti coisas gosmentas quentes que ficavam geladas encostarem e desencostar em mim, até arriar minhas calças e me tocarem com mãos grossas demais, e uma penetração não tão funda, mas dolorosas demais para serem consideradas só um pesadelo, até parar por um longo tempo que me pareceu uma eternidade até finalmente eu adormecer. Se repetiram tantas vezes, em saídas de fim de semana, no "dia de ficar com seu pai" por causa da guarda compartilhada.

Lembro de vezes em um bar, no chão do banheiro, lembro de mais pessoas olhando, tirando um pedaço a mais de mim. Lembro que senti tanto medo que desejava todos os dias que eu morresse. Lembro das risadas, dos comentários, das ameaças que caso eu contasse me mataria. Lembro que tudo isso me abateu tanto, até não tão de repente assim, parar. Parou mais ou menos 4 anos depois, onde já

estava mais com a minha mãe e uma guarda unilateral com ela, eu morava com ela e já não queria mais ver o meu pai. Ainda aconteciam situações que repetiam o ciclo de forma mais leve, como quando um garoto da segunda série ficou passando as mãos em mim e mesmo eu tendo contado pra professora ela não fez nada; ou quando fiquei um tanto mais velha, uns 11 anos, e comecei a passar um tempo com meu primo (18 anos), e frequentemente quando eu brincava ele jogava meus brinquedos em lugares que eu teria que ficar bem vulnerável pra alcançar, para que ele me oferecesse ajuda para me equilibrar ou algo do tipo, era quando ele me encoxava e se esfregava em mim.

Tudo só parou quando eu me mudei para outra cidade, tanto tempo já se faz que eu me mudei, ainda mais que todas essas coisas aconteceram, mas só parece que foi ontem, porque tudo só se repete em um looping na minha cabeça: todos os dias, sem exceção, lá no fundinho da mente estão todos esses momentos em repetição. Eu queria que essa parte também sumisse, mas são marcas imutáveis, dizem que eu sou forte por ter vivido depois disso, entretanto eu não consigo concordar. Eu não consigo falar muito sobre, eu ainda sinto medo, medo de morrer se eu falar, medo de ninguém nunca acreditar em mim, medo de ser uma mentirosa vulgar que desejou tudo isso na infância e só quer atenção, só que agora eu tenho mais medo de minha alma ser consumida por esse monstro que essas lembranças viraram, eu não quero mais morrer, eu não preciso da credibilidade, eu só queria a sensação de estar limpa de novo.

#### **Anexo 4 – DEPOIMENTO 4: Estupro de vulnerável após festa universitária**

É bom poder contar a minha história. Por mais que neguemos e seja difícil de aceitar, isso que acontece, passa a fazer parte de nós.

Eu tinha 19 anos na época, em 2014. Fazia pouco tempo que havia terminado o ensino médio e estava esperando a resposta da classificação de uma Universidade Federal. Meu sonho sempre foi estudar em uma Federal... Aquele grande ilusão (não sei se todos têm).

Em agosto de 2014, saiu a classificação e consegui passar. Comecei minha graduação, estava indo tudo bem. A Federal tem festas todo final de semana e se deixar, todos os dias. Não era de frequentar festas (nunca gostei). Mas, em outubro de 2014, com nem 3 meses de faculdade, estava começando os famosos Intercursos, os jogos da faculdade.

Bom, todo mundo ia! Por que eu não poderia ir um dia? Então eu fui com amigas da minha sala e sinceramente, estava achando bem legal. Beber? Sempre bebi pouco. Era daquelas que quando percebia que já estava alegre, parava. Nesse dia não foi diferente.

Logo quando cheguei, um menino veio conversar comigo, perguntou meu nome, que curso eu fazia, me falou o nome dele e o seu curso também. Ele queria ficar comigo e eu não quis. Não gostava de ficar com meninos em festas, gostava de conhecê-los primeiro (antiquado? não sei.).

Ele insistiu, insistiu, segurava a minha mão. Até brinquei com as minhas amigas “Gente, me tira daqui!”. Até que eu tive que me soltar e sair de perto dele. Neste lugar dos jogos, tinha a quadra de jogos e do lado de fora, os universitários faziam tipo uma “festa”. Vendiam bebidas, comidas, colocavam músicas... Tudo parecia normal. Eu andei com minhas amigas, vi o pessoal da minha sala, pessoas conhecidas da faculdade. Até que encontrei um conhecido do meu curso, um veterano (eu era bixete na época, né). Ele me chamou para comprar uma bebida que um curso estava vendendo. Eu fui, no meio do pessoal mesmo, me deram um, eu bebi (lembro que estava até com sede e a bebida estava fraquinha).

Me passaram outro copo, na inocência, bebi e fui pagar, disseram “já pagaram”. Depois disso? Não me lembro de muita coisa. Me davam apagões, não tinha noção de onde eu estava. E do nada, quem me encontrou? O menino do começo, que quis ficar comigo e eu não quis. Eu não conseguia mais dizer não, não

conseguia empurrar, nem nada. Ele só disse que me levaria embora, pegou na minha mão e eu fui.

Lembro somente de perguntar “Onde você está indo?” e ele respondeu “Vou passar aqui rapidinho”. O “Aqui” era o apartamento dele. Não me lembro como subi até lá. Tenho alguns flashes na memória, que não gostaria de ter. Ele me levou embora, cheguei em casa e dormi, ainda totalmente fora do ar. No outro dia, acordei sem entender. Passando mal, tentando lembrar algo e me culpando “Nossa, como eu fui parar lá?!”. Eu era virgem. Quando contei para minha amiga e ela disse “Isso é estupro, você precisa falar”, foi caindo a ficha...

Consegui lembrar do rosto dele e com ajuda de pessoas, saber o nome. Então, contei para minha mãe, ela chamou a polícia, me levaram ao hospital para tomar os medicamentos para prevenir várias coisas. E, sim, denunciei. Encontraram ele e como sempre, ele disse “Ela quis!”.

Esse ano fez 5 anos... Nada foi resolvido. Eu não estudo mais na Federal, mudei minha vida para tentar esquecer tudo isso. Ele? Se formou. Mas sei que podem passar anos, isso vai ser resolvido. Ainda acredito na justiça. Se não for a dos homens, será a de Deus. Superar? Não sei. Seguir em frente, devemos tentar todos os dias.